

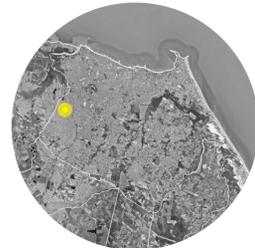
OCUPAÇÃO GREGÓRIO BEZERRA

TRAMA DE AGENTES

A luta da Ocupação Gregório Bezerra (OGB) tem uma característica diferente de outras ocupações, ela não se restringiu a um só local de reivindicação, durante sua existência foi os militantes da Unidade Classista, movimento ao qual a OGB é vinculada, ocuparam diferentes locais, sempre se identificando como Ocupação Gregório Bezerra. A trama de agentes varia, tanto os grupos de apoio ao movimento quanto a instância do poder público que dialoga com a demanda. Para melhor compreensão da dinâmica entre os agentes, eles foram divididos em três fases, de acordo com as mudanças de território da Ocupação.

PRIMEIRA FASE

A OGB se inicia do Polo de Lazer do Conjunto Ceará, uma centralidade da região ainda com muitos terrenos vazios, sendo um local de disputa da complexa geopolítica do conjunto. A Ocupação teve apoio dos movimentos culturais que atuam no espaço. A Prefeitura de Fortaleza expulsou os ocupantes uma primeira vez, sem dar alternativa habitacional e mal dialogava com o movimento.



DESENVOLVIMENTO INÍCIO DA OCUPAÇÃO

Em agosto de 2016 cinquenta e duas famílias ocuparam um terreno no Conjunto Ceará, com pouco tempo essa ocupação autônoma foi despejada pela guarda municipal. A Unidade Classista organizou algumas dessas famílias e junto com pessoas de seus núcleos de base ocuparam o mesmo terreno na madrugada do dia 25 de setembro de 2016. Pouco mais de 50 dias depois eles sofreram outro despejo violento, a justificativa da Prefeitura é que a ocupação está dentro de uma área verde destinada ao lazer. Havia uma crescente demanda por moradia difícil de comportar apenas no barracão, além de que, pelas suas condições de implantação, o local alaga com facilidade. Em paralelo à ocupação, a cerca de 200m do barracão havia o prédio de uma escola pública que teve sua obra abandonada há mais de dois anos. Por isso, no dia 21 de abril de 2017 a Unidade Classista decidiu ocupar esse prédio não somente para abrigar as famílias, mas principalmente para reivindicar que se desse continuidade às obras para que o equipamento pudesse atender à comunidade do Conjunto Ceará, visando também reduzir os estigmas negativos que a comunidade tinha da ocupação. A partir de então a Ocupação Gregório Bezerra passa a se identificar unitariamente nesses dois núcleos.



BARRACÃO ESCOLA CONJUNTO CEARÁ

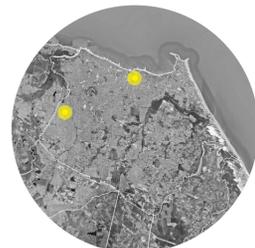
No primeiro momento a Gregório Bezerra foi assessorada pelo trabalho desenvolvido para conclusão de curso na Universidade Federal do Ceará em 2017. Durante a fase de pesquisa foram realizadas visitas e entrevistas semiestruturadas a 4 ocupações urbanas lideradas por movimentos sociais em Fortaleza para identificar se a elaboração de um projeto arquitetônico seria útil como ferramenta de luta para alguma das ocupações naquele momento e, como uma nova ocupação ainda sem muitas negociações e sem outra assessoria, a OGB apresentou um contexto ideal para o desenvolvimento do trabalho. A partir de então foi realizada uma oficina que foi dividida em dois momentos: um primeiro tinha como objetivo levantar dados sobre as famílias que compunham a ocupação como: origem, número de membros na família, trabalho. O segundo turno se deu com uma oficina para a elaboração de um tipo de habitação ideal para aquelas famílias, o que resultou em 4 plantas baixas. Posteriormente essas plantas foram otimizadas a partir de questões técnicas e consolidaram o projeto de um conjunto de 100 unidades habitacionais.



SEGUNDA FASE

Quando estavam apenas no Conjunto Ceará, a OGB estava dividida entre um barracão, no terreno inicialmente ocupado, e no prédio de uma escola que havia sido abandonado antes da conclusão da obra, a OGB demanda a conclusão dessa obra e não o uso do prédio para fins de moradia. Em janeiro de 2018 a Prefeitura solicita a saída dos ocupantes do prédio da escola para a continuação das obras, mas novamente não oferece nenhuma alternativa habitacional. No mesmo mês os moradores saem da escola do Conjunto Ceará e ocupam o prédio da antiga Escola Jesus Maria José, no Centro de Fortaleza, mantendo o barracão inicial no outro bairro. Alguns movimen-

tos de cultura acompanham, e a partir de Gregório Bezerra surgem outros, como os Artistas Marginais em Movimento (ArMEM). A assessoria técnica agora é prestada no âmbito da Residência da UFBA/UFCE. Alguns diálogos surgem com a prefeitura e com o Estado no sentido de procurar uma solução para a Ocupação, porém em Março o Governo do Estado, em ano eleitoral anuncia que o movimento receberia 78 unidades habitacionais para as famílias da Ocupação em um conjunto do Programa Minha Casa Minha Vida.



OGB NO CENTRO DE FORTALEZA

O Trabalho Final de Graduação é entregue em julho de 2017 e em agosto o residente começa as aulas práticas da especialização em Salvador. Até dezembro de 2017, período que terminam as aulas à pouco diálogo da OGB com o poder público no sentido de dar uma solução para o problema habitacional, o caderno do projeto realizado apenas é entregue à Regional V, mas sem grandes repercussões. No mesmo mês que residente volta a morar em Fortaleza, em janeiro de 2018, a Prefeitura de Fortaleza, por meio das Secretarias Municipais de Educação e Infraestrutura, visita as obras da escola ocupada do Conjunto Ceará, pedindo para que os ocupantes se retirem para que o equipamento pudesse ser finalizado e entregue ao bairro. Não havia nenhum agente público responsável pela habitação no dia e nem uma proposta de realocação para as famílias, apenas dias depois a OGB conseguiu uma reunião com a Habitafor, através de uma vereadora, para negociar a saída do prédio uma solução para as famílias. A assessoria técnico no âmbito da Residência se inicia desde então. Durante a reunião procurou-se encontrar um solução habitacional para alojar as famílias, seja um conjunto habitacional já construído ou a concessão de uso de algum imóvel público para que as famílias pudessem se alojar, por exemplo. O projeto desenvolvido durante o TFG também foi posto como alternativa pelo próprio movimento, a ideia pareceu bem recebida, porém a reunião



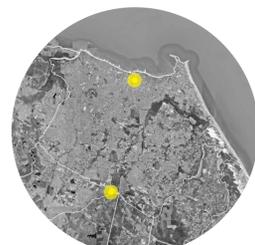
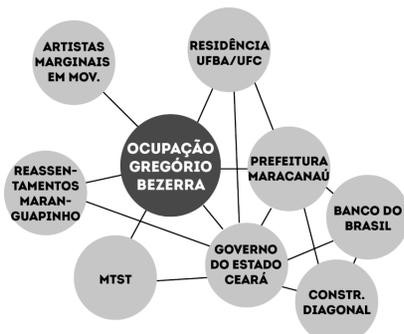
ESCOLA CENTRO

não surtiu encaminhamentos no sentido de uma solução, mas os moradores se comprometeram a sair da escola, já que era pauta do movimento a retomada da construção da escola, mas o barracão se manteria no mesmo local. Por não encontrar uma solução habitacional, na madrugada do dia 26 de janeiro de 2018 as famílias da OGB que estavam na escola no Conjunto Ceará saíram do equipamento em construção e ocuparam um prédio histórico no Centro de Fortaleza, a Escola Jesus Maria José. A Ocupação Gregório Bezerra passa então a ter seus dois núcleos distantes entre si, as 12 famílias que continuam morando no barracão inicial no Conjunto Ceará e as 66 famílias que ocupam o prédio abandonado do Centro de Fortaleza. Territórios bem diferentes que estão a cerca de 12km de distância entre si. Nesse contexto a atuação da Residência se daria no sentido de dialogar com o poder público para tentar achar um outro terreno, já que o do Conjunto Ceará, como foi pensado no projeto final de graduação, parecia inviável e assim elaborar um novo projeto para a OGB.

TERCEIRA FASE

O Conjunto Orgulho do Ceará II, empreendimento financiado pelo Banco do Brasil e construído pela Direcional, construtora de grandes conjuntos, é liberado pelo Habite-se da Prefeitura de Maracanaú e os moradores da Gregório Bezerra começam a se mudar em agosto de 2018, algum tempo depois o Barracão no Conjunto Ceará é desmontado. O Conjunto foi feito para receber reassentados do projeto de urbanização do Rio Maranguapinho, além disso, o MTST também conquistou algumas unidades habitacionais no empreendimento.

Ainda com poucos moradores, a Unidade Classista organiza alguns eventos no conjunto para manter as relações do militantes do movimento, é comemorado o aniversário de 2 anos no dia 25 de setembro de 2018, e o ArMEM realiza também algumas atividades, como Saraus na região. Porém o conjunto ainda não possui equipamentos públicos, pois os terrenos destinados para eles está ocupado e o Governo do Estado ainda busca solução.

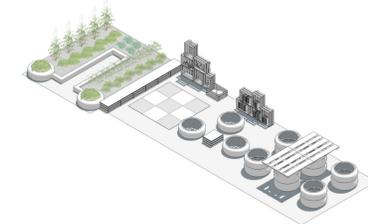


ORGULHO DO CEARÁ II

O Orgulho do Ceará II é um conjunto habitacional com 2.096 unidades localizado em Maracanaú à 15 quilômetros do centro de Fortaleza, sem nenhuma linha de ônibus direto para a capital. As famílias da Ocupação começam a se mudar para o novo conjunto em agosto de 2018, em seguida o barracão é desfeito, mas até hoje apenas XXX famílias estão no conjunto e outras XXX permanecem na Ocupação no centro devido à xxxxxxx. O empreendimento não possui nenhum equipamento público social e Unidade Classista continua se organizando com seus parceiros para tentar trazer melhorias sociais para o novo local.



CONJUNTO ORGULHO DO CEARÁ II



PROBLEMATIZAÇÃO

Apesar do pouco tempo de existência a Ocupação Gregório Bezerra passou por diferentes lugares e teve repercussão na cidade. Ela se inicia no Conjunto Ceará, um bairro que originou de um conjunto construído pelo Banco Nacional de Habitação nos anos 80 no modelo de Unidade de Vizinhança e que hoje se configura como uma subcentralidade de Fortaleza. Depois disso, a OGB vai para o Centro da cidade, ocupando um prédio abandonado, pressionando pela sua função social e denunciando o problema dos vazios urbanos naquele território bem infraestruturado. Agora a Ocupação Gregório Bezerra se encaminha para um fim, a conquistas das unidades habitacionais foi celebrada pelo moradores, afinal para quem morava em uma ocupação, ocupando um prédio abandonado, pressionando pela sua função social e denunciando o problema dos vazios urbanos naquele território bem infraestruturado. Agora a Ocupação Gregório Bezerra se encaminha para um fim, a conquistas das unidades habitacionais foi celebrada pelo moradores, afinal para quem morava em uma ocupação, ocupando um prédio abandonado, pressionando pela sua função social e denunciando o problema dos vazios urbanos naquele território bem infraestruturado. Agora a Ocupação Gregório Bezerra se encaminha para um fim, a conquistas das unidades habitacionais foi celebrada pelo moradores, afinal para quem morava em uma ocupação, ocupando um prédio abandonado, pressionando pela sua função social e denunciando o problema dos vazios urbanos naquele território bem infraestruturado.

quais as possibilidades de urbanidade que as pessoas que construíram a luta da OGB terão a final? Em quais aspectos eles terão uma melhoria na qualidade de vida? É importante destacar que a crítica aqui não se faz ao movimento que aceitou sair do centro da cidade em troca das unidades em um conjunto inabitável, afinal as pessoas que constroem uma ocupação geralmente vivem em condições precárias, sem segurança de posse, expostas a violência do Estado. A crítica aqui é feita ao poder público, que é ineficiente na efetivação de políticas urbanas que garantam a função social da cidade, que apesar de anos de política de construção de grandes conjuntos periféricos e de todos os estudos que comprovam os prejuízos dessas ações, continuam insistindo nos mesmos erros, agindo de forma clientelista por ganhos imediatos e a determinados grupos, acirrando ainda mais as disparidades sociais.